

CAPÍTULO UM
⊕ chapéu da sra. Lovestock



O chapéu em questão pertencia à sra. Constance Lovestock. A sra. Lovestock era uma mulher de alguma idade, com mais posses ainda e sem filhos. Não era mulher de fazer as coisas pela metade. Seu ponto de vista quanto a cisnes é um bom exemplo. Achava que eram as criaturas mais belas e graciosas do mundo.

— Tão graciosos — dizia ela. — Tão elegantes.

Quem se aproximava da sua grande e suntuosa casa nos arredores de Baltimore via arbustos podados em forma de cisnes. Esculturas de cisnes em revoada. Fontes onde uma mãe cisne cuspiam água para filhotes. Uma bacia ornamental em forma de cisne onde pássaros menos importantes podiam ter a honra de se banhar. E, naturalmente, cisnes de verdade deslizando pelos lagos que cercavam a casa, às vezes até passeando diante das janelas do térreo, de uma forma não tão graciosa quanto se poderia esperar.

— Eu não faço nada pela metade — dizia orgulhosamente a sra. Lovestock.

E foi assim que numa noite perto do início de dezembro, quando estava sentada em frente ao fogo com o marido, o sr. Lovestock — que supostamente tirava férias todos os anos para coletar insetos, mas na realidade caçava cisnes numa reserva particular na Flórida, atirando praticamente à queima-roupa com um sorriso lunático no rosto —, foi assim que a sra. Lovestock ergueu as costas do sofá em forma de cisne onde até então estivera tricotando e anunciou:

— Gerald, vou adotar algumas crianças.

O sr. Lovestock tirou o cachimbo da boca e fez um som meditativo. Ele tinha ouvido muito bem o que ela dissera. Não era “uma criança”. E sim “algumas crianças”. Mas longos anos lhe haviam ensinado como era fútil entrar em confronto direto com a esposa. Ele decidiu que a atitude mais sábia era ceder algum terreno com uma combinação de ignorância e bajulação.

— Minha querida, é uma ideia incrível. Você seria uma mãe maravilhosa. Isso, vamos adotar uma criança.

A sra. Lovestock chiou.

— Não brinque comigo, Gerald. Não tenho intenção de adotar apenas uma criança. Não valeria o esforço. Acho que vou começar com três.

Ela se levantou, indicando que a conversa estava encerrada e retirou-se da sala.

O sr. Lovestock suspirou, tornando a colocar o cachimbo no canto da boca e imaginando se haveria um lugar para onde ele pudesse viajar no verão para caçar crianças.

Provavelmente não, pensou ele, voltando a ler o jornal.

— Esta é a última chance de vocês.

Kate estava sentada diante da escrivaninha da srta. Crumley. Estavam no escritório dela, na torre norte do Lar Edgar Allan Poe para Órfãos Incorrigíveis e Desamparados. O prédio tinha sido um arsenal séculos atrás, e, no inverno, o vento atravessava as paredes, sacudindo as janelas e congelando a água das privadas. O escritório da srta. Crumley era o único cômodo com aquecimento. Kate torcia para que fosse lá o que ela tivesse a dizer demorasse muito tempo.

— Não estou brincando, mocinha.

A srta. Crumley era uma mulher baixa e atarracada com um chumaço de cabelos avermelhados. Enquanto falava, desembulhava um doce retirado de uma tigela sobre a mesa. Doces eram proibidos para as crianças. Ao chegarem ao Lar, enquanto a srta. Crumley explicava o que podiam e não podiam fazer (principalmente o que não podiam), Michael se servira de uma balinha de menta. Teve de tomar banhos frios por uma semana depois daquilo. “Ela não disse que não podia comer”, reclamara ele. “Como é que eu ia saber?”

A srta. Crumley enfiou a bala na boca.

— Depois disso, eu desisto. Acabou. Se você, o seu irmão e a sua irmã não se comportarem da melhor forma possível para que esta senhora resolva adotar vocês, bem... — Ela chupou a bala com força, procurando uma ameaça adequadamente assustadora. — Bem, eu não vou ser responsável pelo que acontecer.

— Quem é ela? — perguntou Kate.

— Quem é ela?! — repetiu a srta. Crumley, arregalando os olhos, sem acreditar no que ouvia.

— Quer dizer, como ela é?

— Quem é ela? Como ela é? — A srta. Crumley chupou a bala com violência, cada vez mais ultrajada. — Esta mulher...

Ela parou. Kate esperou. Mas nenhuma palavra veio. Em vez disso, o rosto da srta. Crumley ganhou um tom vermelho vivo. Ela soltou sons guturais de engasgue.

Por uma fração de segundo — bem, talvez por uns três segundos — Kate pensou em deixar que a srta. Crumley engasgasse. Depois, deu um salto, correu e deu-lhe um forte tapa nas costas.

Uma massa esverdeada e pegajosa voou da boca da srta. Crumley e aterrissou sobre a mesa. Ela se voltou para Kate, respirando com dificuldade, com o rosto ainda vermelho. Kate sabia que não deveria esperar por agradecimentos.

— Ela é — disse ofegante a srta. Crumley — uma mulher interessada em adotar três crianças. De preferência, da mesma família. É tudo que você precisa saber! Quem é ela? Que insolência! Vá encontrar o seu irmão e a sua irmã. Faça com que eles tomem banho e vistam as melhores roupas. A mulher vai estar aqui em uma hora. E se um deles fizer qualquer coisa... — Ela pegou a bala e a devolveu à boca. — Bem, simplesmente não me responsabilizo.

Enquanto Kate descia a estreita escada em espiral, depois de deixar a sala da srta. Crumley, sentiu o ar mais frio e prendeu o suéter fino com mais força em torno de si. Quando os adultos viam Kate pela primeira vez, sempre reparavam que era uma menina extraordinariamente bonita, com cabelos louro-escuros e grandes olhos castanhos. Mas, se olhavam com mais atenção, notavam a ruga de concentração que tinha feito moradia em sua testa, a forma com que as unhas eram roídas até o fim, a tensão cansada em seus membros e, em vez de dizerem: “Puxa, que menina bonita”, faziam um muxoxo e murmuravam: “Coitadinha.” Pois olhar para Kate, por mais bonita que ela fosse, era ver alguém que vivia antecipando constantemente o próximo golpe que a vida ia lhe dar.

Ao sair pela porta lateral do orfanato, Kate viu um grupo de crianças reunidas em volta de uma árvore esquelética na beira do jardim. Uma garotinha com pernas magras e cabelo castanho curto jogava pedras em um menino sentado nos galhos, berrando para que descesse e lutasse com ela.

Kate abriu caminho em meio à multidão de crianças que riam e zombavam, enquanto Emma pegava outra pedra.

— O que você está fazendo?

Emma se virou. Havia círculos vermelhos em suas bochechas e os olhos escuros brilhavam.

— Ele rasgou o meu livro! Eu só estava ali lendo e ele pegou o meu livro e rasgou! Eu juro, eu não fiz nada! E agora ele não quer descer e brigar comigo!

— Não é verdade — gritou o garoto na árvore. — Ela é maluca!

— Cala a boca! — berrou Emma e jogou a pedra. O menino se escondeu atrás da árvore e a pedra bateu no tronco.

Emma era pequena para seus 11 anos. Era só joelhos e cotovelos. Mas todas as crianças do orfanato respeitavam e temiam seu gênio. Quando encurralada ou provocada, ela brigava feito um demônio. Chutava, arranhava e mordia. Kate às vezes se perguntava se a irmã seria tão feroz se eles não tivessem sido separados dos pais. Emma era a única que não tinha qualquer memória da mãe e do pai. Até Michael tinha vagas lembranças de ter recebido cuidado e amor. No que dizia respeito a Emma, esta era a única vida que ela havia conhecido, e tinha apenas uma regra: quando você para de lutar, está acabado. Infelizmente, sempre havia alguns garotos mais velhos que faziam de tudo para irritá-la, apreciando o jeito com que Emma era tomada pela fúria. Seu alvo favorito, como era de se esperar, era o sobrenome das crianças, de uma letra só. Como Kate era a mais velha, com 14 anos, geralmente era sua tarefa acalmar a irmã.

— Temos que achar o Michael — disse Kate. — Uma mulher vem ver a gente.

Um silêncio se fez entre as crianças. Havia meses que não aparecia alguém interessado em adoção no Lar Edgar Allan Poe para Órfãos Incorrigíveis e Desamparados.

— Eu não ligo — disse Emma. — Não vou.

— Ela só vai querer você se for maluca — exclamou o menino na árvore.

Emma agarrou uma pedra e a jogou. O garoto não foi suficientemente rápido e foi atingido no cotovelo.

— Aaai!

— Emma — Kate pegou o braço da irmã —, a srta. Crumley diz que é a nossa última chance.

Emma se soltou. Abaixou-se e pegou outra pedra. Mas estava claro que tinha perdido a vontade de brigar. Kate esperou quieta enquanto Emma jogava a pedra de uma mão para a outra e depois a lançou sem força contra a árvore.

— Tá bom.

— Você sabe onde está o Michael?

Emma assentiu. Kate pegou sua mão e as crianças se afastaram, para que as duas pudessem passar.

As meninas encontraram Michael no bosque, nos arredores do orfanato, explorando uma caverna descoberta por ele na semana anterior. Ele fingia que se tratava da entrada de um antigo túnel cavado por anões. Por toda a vida, Michael tinha sido obcecado por histórias sobre criaturas mágicas. Feiticeiros que enfrentavam dragões. Cavaleiros que lutavam com duendes maníacos por donzelas. Fazendeiros espertos que passavam a perna em trolls. Lia tudo que conseguia encontrar. Mas apreciava particularmente as histórias sobre os anões.

— Eles têm uma história longa e nobre. E são muito trabalhadores. Não ficam o tempo todo penteando o cabelo e vagando por aí com espelhos, como fazem os elfos. Os anões trabalham.

Michael não tinha uma boa opinião sobre os elfos.

A fonte dessa paixão era um livro intitulado *O Compêndio do Anão*, escrito por um certo G. G. Greenleaf. Ao acordar naquela primeira manhã de suas novas vidas, sem pais, em um quarto desconhecido, Kate havia descoberto o livro no meio das cobertas de Michael. Na mesma hora, reconheceu-o como sendo o presente de Natal que a mãe havia dado ao pai. Ao longo dos anos, Michael havia lido o livro dúzias de vezes. Kate sabia que era seu jeito de permanecer ligado a um pai de quem ele mal se lembrava. Por isso, não se cansava de tentar convencer Emma a ser compreensiva quando Michael começava uma de suas palestras improvisadas. Mas nem sempre era fácil.

O ar na caverna estava úmido e cheio de musgo, mas o teto era suficientemente alto para que Kate e Emma caminhassem eretas. Michael estava a alguns metros da entrada, ajoelhado ao lado de uma lanterna. Era bem mirrado, com o mesmo cabelo castanho e os olhos escuros da irmã mais nova, embora estivessem escondidos atrás de óculos com aros de metal. As pessoas frequentemente os confundiam com irmãos gêmeos, o que irritava Michael profundamente.

— Sou um ano mais velho — dizia Michael. — Acho que é bastante óbvio.

Houve um clarão, depois um chiado, e a surrada câmera Polaroid de Michael cuspiu um retrato. Algumas semanas antes, encontrara a câmera numa loja de quinilharias no centro de Baltimore, bem como uma dúzia de filmes que o dono havia praticamente dado para ele. Desde então ele a usava em suas explorações, lembrando constantemente a Kate e Emma como era importante documentar as descobertas.

— Aqui. — Michael mostrou para as irmãs uma pedra que ele havia acabado de fotografar. — O que vocês acham que é?

Emma grunhiu.

— Uma pedra.

— A ponta de um velho machado dos anões — disse Michael. — Obviamente foi danificado pela umidade. As condições aqui não são nada ideais para a preservação.

— Engraçado — disse Emma. — Porque parece uma pedra.

— Tudo bem. Chega — disse Kate, pois sabia que Michael estava a ponto de se irritar. Ela lhe contou sobre a mulher que vinha vê-los.

— Vão vocês — disse ele. — Tenho trabalho a fazer por aqui.

A maioria dos órfãos desejava ser adotada. Sonhava com um casal rico e bondoso que os levassem para uma vida de conforto e de amor. Kate, o irmão e a irmã não eram assim. Aliás, recusavam-se a serem chamados de órfãos.

— Nossos pais estão vivos — dizia Kate ou Emma ou Michael. — E um dia, vão voltar para nos buscar.

Naturalmente, não tinham nada que sustentasse tal crença. Havia dez anos, foram deixados no Orfanato St. Mary, às margens do rio Charles, em Boston, numa véspera de Natal de muita neve, e desde então não tinham ouvido nenhum boato sobre seus pais ou qualquer outro parente. Não podiam sequer dizer o que o P de seus sobrenomes representava. Ainda assim, continuavam a acreditar, no fundo do coração, que os pais voltariam a aparecer um dia. Isso se devia inteiramente ao fato de que Kate nunca havia deixado de lembrar a Michael e a Emma a promessa feita pela mãe, naquela última noite, dizendo que voltariam a ficar juntos, como uma família. Aquilo tornava totalmente inaceitável a ideia de serem adotados por algum desconhecido. Infelizmente, desta vez, havia outras considerações a serem feitas.

— A srta. Crumley diz que é a nossa última chance.

Michael suspirou e deixou que a pedra caísse de sua mão. Então pegou a lanterna e seguiu as irmãs para fora da caverna. Nos últimos dez anos, as crianças haviam passado por nada menos do que 12 orfanatos diferentes. A temporada mais curta havia sido de duas semanas. A mais longa, de longe, havia sido em seu primeiro abrigo, St. Mary. Quase três anos. Mas o Orfanato St. Mary foi consumido por um incêndio — assim como a madre superiora, uma mulher bondosa chamada irmã Agatha que demonstrava um interesse especial pelas crianças, mas tinha o péssimo hábito de fumar na cama. Sair de St. Mary foi o início de uma jornada que os levou de orfanato a orfanato. Assim que as crianças se acostumavam com um lugar, precisavam se mudar de novo. Final-

mente, deixaram de esperar que pudessem permanecer num lugar por mais de alguns meses, e deixaram de tentar fazer amigos. Aprenderam a confiar apenas um no outro.

A razão para tantas mudanças estava no fato de que as crianças eram, no idioma da adoção, “difíceis de encaixar”. Se quisesse adotar uma delas, uma família precisaria adotar as três. Mas era raridade que uma família estivesse disposta a adotar três crianças de uma só vez, e as srts. Crumleys do mundo não tinham muita paciência.

Kate compreendia que, se a tal mulher não os quisesse, a srta. Crumley mencionaria aquilo como prova de que tinha tentado tudo o que podia, e eles seriam então transferidos para o próximo orfanato. Sua esperança era que se ela, o irmão e a irmã se comportassem bem, mesmo que a entrevista não fosse um sucesso, a srta. Crumley poderia pensar duas vezes antes de mandá-los embora. Não que as crianças amassem tanto assim a atual moradia. A água era parda. As camas, duras. A comida fazia a barriga doer quando você comia demais, mas quando você comia de menos ela também doía. Não. O problema era que, com o passar dos anos, cada novo orfanato era pior do que o anterior. Na realidade, quando haviam chegado ao Lar Edgar Allan Poe para Órfãos Incuráveis e Desamparados, seis meses antes, Kate tinha pensado: É isso, chegamos ao fundo do poço. Mas agora ela se perguntava: E se houver algum lugar ainda pior?

Ela não queria descobrir.

Meia hora depois, lavadas e vestidas com suas melhores roupas (o que não queria dizer grande coisa), as crianças bateram na porta do escritório da srta. Crumley.

— Entrem.

Kate levava Emma pela mão. Michael seguia logo atrás. Ela lhes dera conselhos: “Só fiquem sorrindo e não falem muito. Quem sabe? Talvez ela seja legal. Aí a gente pode ficar com ela até a mamãe e o papai voltarem.” Mas quando Kate viu a mulher grande enrolada num casaco feito apenas de penas brancas, segurando uma bolsa com forma de cisne e usando um chapéu em que a cabeça de um cisne se virava para cima como um ponto de interrogação, ela viu que era inútil.

— Imagino que sejam os órfãos — disse a sra. Lovestock, dando um passo à frente para se postar sobre as crianças. — O sobrenome deles é P, não é mesmo?

— Isso, sra. Lovestock — disse a srta. Crumley com uma risadinha. Ela batia apenas na cintura da mulher gigante. — São três dos nossos melhores.

Ah, eu amo tanto eles. Mas por mais doloroso que seja me separar dessas crianças, eu me obrigaria a isso, sabendo que vão ter um lar tão maravilhoso.

— Hum. — A sra. Lovestock abaixou-se para inspecioná-los, fazendo com que a cabeça do cisne mergulhasse para a frente, com um ar de curiosidade. — Já vou avisando. Não tolero bagunça de criança. Não admito que corram, gritem, berrem, riam alto, andem com mãos ou pés sujos, nem façam comentários grosseiros. — Cada vez que mencionava alguma coisa que não permitia, a cabeça do cisne balançava, como se estivesse concordando com ela. — Também não gosto de muito falatório, que fiquem esfregando as mãos ou andando de bolsos cheios. Desprezo crianças com bolsos cheios.

— Ah, essas crianças nunca tiveram nada nos bolsos, posso garantir, sra. Lovestock — disse a srta. Crumley. — Nadinha.

— Além disso, eu espero que...

— O que é isso na sua cabeça? — interrompeu Emma.

— Como? — A mulher parecia aturdida.

— Esse negócio na sua cabeça. O que é?

— Emma... — advertiu Kate.

— Eu sei — disse Michael.

— Não sabe nada.

— Sei, sim.

— Então o que é? — desafiou Emma.

A sra. Lovestock voltou-se para a trêmula diretora do orfanato.

— Srta. Crumley, que diabos está acontecendo aqui?

— Nada, sra. Lovestock, nada mesmo. Garanto que...

— É uma serpente — interrompeu Michael.

Pela expressão, a sra. Lovestock parecia ter levado um tapa na cara.

— Não é uma serpente — disse Emma.

— É sim — Michael examinava o chapéu da mulher. — É uma cobra.

— Mas ela é toda branca.

— Ela deve ter pintado. — Ele se dirigiu à sra. Lovestock. — Foi isso que a senhora fez? Pintou a cobra?

— Michael! Emma! — chiou Kate. — Fiquem quietos!

— Eu só estava perguntando se ela pintou...

— Shhh!

Durante um tempo que pareceu muito longo, ouvia-se apenas o chiado do radiador e o barulho da srta. Crumley juntando e soltando as mãos nervosamente.

— Nunca na minha vida... — a sra. Lovestock finalmente começou a dizer.

— Minha querida sra. Lovestock... — disse a trêmula srta. Crumley.

Kate sabia que precisava dizer alguma coisa. Para terem qualquer chance de não serem mandados embora, ela precisava dar um jeito na situação. Mas aí a mulher falou o que não deveria.

— Sei que não dá para esperar grande coisa de órfãos...

— A gente não é órfão — interrompeu Kate.

— Como é?

— Órfãos são crianças com pais mortos — disse Michael. — Os nossos não morreram.

— Eles vão voltar para buscar a gente — acrescentou Emma.

— Não ligue para eles, sra. Lovestock. Não ligue para eles. É só tagarelice fútil de órfãos. — A srta. Crumley ergueu a tigela de balas. — Balas?

A sra. Lovestock a ignorou.

— É verdade — insistiu Emma. — Eles vão voltar. Estou falando sério.

— Escutem só — a sra. Lovestock inclinou-se para a frente. — Sou uma mulher compreensiva. Podem perguntar para qualquer um. Mas se tem uma coisa que eu não tolero é fantasia. Isto é um orfanato. Vocês são órfãos. Se seus pais realmente quisessem vocês, não teriam sido largados na rua como lixo da semana passada, sem sequer um nome civilizado! P, sinceramente... Vocês deviam estar gratos por alguém como eu estar disposta a perdoar a sua atroz falta de modos... e sua completa ignorância a respeito da ave aquática mais bonita do mundo... e levar vocês para casa. O que me dizem agora?

Kate viu a srta. Crumley lançando-lhe um olhar furioso por trás da cintura da sra. Lovestock. Sabia que se não pedisse desculpas à Mulher Cisne, a srta. Crumley certamente os enviaria para algum lugar que faria o Lar Edgar Allan Poe para Órfãos Incuráveis e Desamparados parecer um hotel de férias chique. Mas qual era a alternativa? Ir morar com esta mulher que insistia que seus pais os haviam largado como lixo e não tinham intenção de voltar? Ela apertou a mão da irmã.

— Sabe — disse ela —, parece mesmo uma cobra.